

metodológicas. Para Benjamin, a descontinuidade das idéias fazia parte de sua metodologia; portanto, nada precisava ser excluído ou rechaçado, mas sim incluído. Somente essa inclusão possibilitaria o surgimento de uma unidade subterrânea ainda oculta, sempre sugerida, mas nunca plenamente alcançável. Para Lukács, a descontinuidade está contida na continuidade; para Benjamin, é justamente o inverso. Por isso a coerência crítica de Lukács pôde tornar-se mais visível. Na interpretação de Leandro Konder,⁸ conhecedor das obras desses dois pensadores, evidenciam-se os diferentes ângulos pelos quais um e outro se dirigem:

"Na verdade, Lukács e Benjamin pensam de ângulos distintos a dialética da continuidade e da descontinuidade: no pensamento de Lukács a descontinuidade tende a ficar, em última análise, subordinada à continuidade; em Benjamin, prevalece a tendência inversa. Mas, exatamente porque o modo de pensar de Benjamin tende a privilegiar o reconhecimento da importância crucial da descontinuidade na dinâmica da própria realidade, a filosofia benjaminiana não tem por que se empenhar, tanto quanto a filosofia lukácsiana, em submeter a uma dura crítica controladora os pontos de quebra da continuidade, no seu movimento transformador."⁹

⁸ Leandro Konder publicou *Lukács* e traduziu para o português a obra desse filósofo: *Introdução a uma estética Marxista*. Publicou ainda *Walter Benjamin, O Marxismo da Melancolia*. Ao comparar os dois pensadores, Konder baseou-se na intimidade teórica que desfrutava tanto com as idéias de Benjamin, quanto com as de Lukács.

⁹ Konder, Leandro. *Walter Benjamin, O Marxismo da Melancolia*, p. 26.

ao longo de sua história. Marcilius Ficinus, no final do século XV, ao comentar as "*Enneades*" de Plotino (205-270), já observava que era intenção dos sacerdotes criar

"algo que correspondesse ao pensamento divino, já que a divindade detinha o saber de todas as coisas, não como uma idéia cambiante, mas como a forma simples e imutável das próprias coisas".⁴

Em torno dela formou-se desse modo uma expectativa de esclarecimento de enigmas de qualquer natureza. Nesse mesmo sentido, através do comentário de Pierio Valerian feito em 1556, Benjamin constata a ampla expectativa contida numa leitura alegórica dos hieroglifos: *"...falar hieroglificamente não é outra coisa que desvendar a natureza das coisas divina e humanas".⁵* O que se torna evidente é que, como em muitos outros momentos da história, no Egito Antigo, as questões religiosas se confundiram ao ontológico, misturando os conceitos de natureza profana aos valores absolutos contidos na sua religião. Isto pode ser visto no caso do hieroglifo usado para representar o conceito do tempo - uma serpente alada, mordendo a extremidade de sua cauda.

"A multiplicidade e a mobilidade da concepção humana do tempo - como ele num rápido ciclo liga o princípio com o fim, como ele ensina a prudência, como ele traz e leva

⁴ Apud Benjamin, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*, p. 191-192.

⁵ Valerian, Piero. Apud Walter Benjamim, op. cit. p. 192.